

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Luciana Gonçalves Pinho

**LEI 10.639/03:**  
IDENTIDADE E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Belo Horizonte  
2012

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PÓS-GRADUAÇÃO LATU-SENSU EM DOCÊNCIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA - LASEB

Luciana Gonçalves Pinho

**LEI 10.639/03:**  
IDENTIDADE E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais.

**ORIENTADOR:** Prof. José Raimundo Lisbôa da Costa

Belo Horizonte  
2012

Luciana Gonçalves Pinho

**LEI 10.639/03:**

**IDENTIDADE E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado junto ao Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica (LASEB) da Faculdade de Educação da UFMG, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação e Relações Étnico-Raciais.

**ORIENTADOR:** Prof. José Raimundo Lisbôa da Costa

Aprovado em 14 de julho de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**

---

**ORIENTADOR:** Prof José Raimundo Lisbôa da Costa – Faculdade de Educação da UFMG

---

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

## RESUMO

O presente trabalho descreve e analisa a ação pedagógica desenvolvida na Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI Granja de Freitas cujo eixo norteador é a questão étnico-racial. O trabalho tem como objetivo a valorização da construção da identidade étnico-racial das crianças do berçário. Para tanto, o Plano de Ação envolve uma intervenção no espaço escolar, ações desenvolvidas com os bebês e um trabalho com os familiares das crianças do berçário. O referencial teórico baseia-se na Lei 10.639/03, nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira e nos textos de autores como Gomes (2008), Meyer (2002) e Rocha e Trindade (2006). Este Plano de Ação aborda ainda o envolvimento da comunidade escolar no que se refere às discussões acerca da temática já referida. Propõe-se a contribuir quanto ao despertar de reflexões que envolvam a importância de um trabalho centrado na diversidade, em especial, na Educação Infantil.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Relações étnico-raciais. Identidade.

## SUMÁRIO

1	Apresentação.....	07
2	Introdução.....	08
3	Justificativa.....	10
3.1	Caracterização do Bairro e da Comunidade Escolar.....	11
3.2	Identificação da Instituição.....	12
3.3	Perfil da Turma.....	13
4	Objetivos.....	15
4.1	Objetivo geral.....	15
4.2	Objetivos específicos.....	15
5	Reflexões sobre a Lei 10.639/03 na Educação Infantil.....	16
5.1	Lei 10.639/03 e suas implicações para a Educação Infantil.....	16
5.2	Cuidar e educar na perspectiva da diversidade étnico-racial.....	17
6	Metodologia.....	21
7	Desenvolvimento do Plano de Ação.....	22
7.1	Intervenção no espaço escolar.....	22
7.2	Ações desenvolvidas com os bebês.....	24
7.3	Trabalho com os familiares das crianças do berçário.....	27
8	Cronograma.....	32
9	Avaliação.....	36
9.1	Avaliação da ação educativa.....	36
10	Considerações finais.....	38
11	Referências bibliográficas.....	40
12	Anexos.....	42
12.1	Avaliação da mãe do aluno do berçário.....	42
12.2	Termo de autorização de uso de imagem.....	43
12.3	Autorização da Escola.....	44

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Foto exposta no mural da sala.....	22
FIGURA 2 – Rotina do berçário.....	22
FIGURA 3 - Crianças explorando brinquedos.....	23
FIGURA 4 - Crianças e bonecas pretas.....	23
FIGURA 5 – Banho.....	23
FIGURA 6 – Crianças e o Móbile/Rotina.....	24
FIGURA 7 – Crianças explorando o tapete.....	25
FIGURA 8 – Bebê e o tapete.....	25
FIGURA 9 – Banho da criança.....	25
FIGURA 10 – Criança e o espelho.....	26
FIGURA 11 – Criança se observando no espelho.....	26
FIGURA 12 – Rodinha com música.....	27
FIGURA 13 – História e Fantoche.....	27
FIGURA 14 – Reunião com os pais no berçário.....	28
FIGURA 15 – Palestra.....	29
FIGURA 16 – Palestrante Ana Paula.....	29
FIGURA 17 – Dinâmica.....	29
FIGURA 18 - Participação dos familiares das crianças.....	29
FIGURA 19 – Hino Nacional da África do Sul.....	30
FIGURA 20 – Interação com o material exposto.....	30
FIGURA 21 – Educadoras explorando o ambiente.....	30
FIGURA 22 – Passeio ao Zoológico.....	31
FIGURA 23 – Educadoras, crianças e seus familiares.....	31

## 1. APRESENTAÇÃO

Na busca pela concretização do sonho de ser professora concluí no final de 2002, na Universidade Estadual de Minas Gerais, o curso de Pedagogia.

Em 2003 comecei a exercer o magistério e desde então venho me dedicando com satisfação a essa profissão. Sempre busquei aprimorar a minha prática em sala de aula. Fiz vários cursos de capacitação nas diversas áreas da educação e em 2011 resolvi fazer o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica, na área Educação e Relações Étnico-Raciais.

A escolha do curso foi direcionada pelo meu interesse em aprofundar os estudos sobre a Lei 10.639/03 e adquirir embasamento para desenvolver trabalhos na escola voltados para a valorização do negro em nossa sociedade e para a História da África e Cultura Afro-brasileira.

O Curso Educação e Relações Étnico-Raciais contribuiu para minha vida pessoal e profissional, principalmente no que se refere ao tratamento do mito da democracia racial e de práticas de silenciamento frente ao racismo. As disciplinas do curso envolveram uma discussão em torno da Lei 10.639/03, e forneceram embasamento para o desenvolvimento do trabalho final do curso, o Plano de Ação.

Esse Plano de Ação, mais do que um requisito formal para obtenção do título de especialista no âmbito do LASEB (Lato Sensu em Docência da Educação Básica) é também resultado de pesquisas e interesses de toda minha vida profissional. Esse trabalho consiste no desenvolvimento, em minha escola de atuação, de atividades pedagógicas direcionadas para a proposta estudada durante o curso Educação e Relações Étnico-Raciais. Dessa forma, este trabalho apresenta reflexões sobre o referencial teórico oferecido durante as aulas, a descrição e análise da prática do Plano de Ação.

A prática do Plano de Ação foi desenvolvida na Unidade Municipal Granja de Freitas, escola de Educação Infantil da Prefeitura de Belo Horizonte, e teve como eixo norteador a Lei 10.639/03, o referencial teórico estudado no curso, o processo de construção da identidade e a diversidade étnico-racial.

## 2. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a ação pedagógica desenvolvida com as crianças do berçário da Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI Granja de Freitas, no período de outubro a dezembro de 2011, tendo como eixo norteador as questões étnico-raciais.

Nessa ação pedagógica foram implementadas atividades que contemplaram a prática da Lei 10.639/03 com a intenção de contribuir para a formação da identidade étnico-racial das crianças do berçário. Diante disso, as atividades foram direcionadas para uma intervenção no espaço escolar, buscando organizar os ambientes educativos contemplando a diversidade étnico-racial das crianças. A intervenção no espaço envolveu a sala de aula e os outros ambientes da escola, para tanto, os professores da UMEI analisaram e discutiram sobre os tipos de imagens que eram utilizadas na organização do espaço escolar. As atividades desenvolvidas diretamente com as crianças abordaram histórias, músicas e brinquedos que remetem à cultura Africana e Afro-brasileira, envolveram o cuidar e o educar, levando em consideração todas as especificidades das crianças do berçário.

O trabalho com os pais das crianças teve o intuito de promover o diálogo em relação a pontos como o racismo, a discriminação, o mito da democracia racial e a construção da identidade da criança, envolvendo a família e a comunidade nos projetos da instituição. Ponto de extrema importância, visto que a qualidade da Educação Infantil depende da parceria entre escola e família.

O registro dessa experiência foi organizado em 12 capítulos. Sendo exposta a justificativa do trabalho, a caracterização do bairro e da comunidade escolar, a identificação da instituição e o perfil da turma, os objetivos, as reflexões sobre a Lei 10.639/03 na Educação Infantil, a descrição da ação, o cronograma de execução, a metodologia, a avaliação, as considerações finais, as referências bibliográficas e os anexos.

Para fundamentar o trabalho foi utilizada a Lei 10.639/03, bem como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira e textos de autores como Gomes (2008), Meyer (2002) e Rocha e Trindade (2006). As interpretações e análises desenvolvidas durante a aplicação do Plano de Ação tiveram como suporte as reflexões dos autores citados e as aulas ministradas durante o curso de Pós-Graduação em Educação e Relações Étnico-Racial.

Faz-se necessário ressaltar que a temática amplia o foco curricular e ainda permite a formação de cidadãos capazes de compreender e respeitar a diversidade de relações étnico-raciais presentes na sociedade brasileira. No desenvolver das ações educativas desenvolvidas

junto às crianças e comunidade escolar é possível perceber sua importância para a formação integral dos sujeitos, na medida em que se amplia o conhecimento e valoriza as diferenças.

### 3. JUSTIFICATIVA

A história do Brasil mostra que, apesar da grande contribuição e influência do povo africano em nossa formação social, cultural e histórica, a identidade nacional foi e continua sendo construída sem a devida valorização da história e cultura africana.

Em uma sociedade multirracial e pluricultural, como é o caso do Brasil, não podemos mais continuar pensando a cidadania e a democracia sem considerar a diversidade e o tratamento desigual historicamente imposto aos diferentes grupos sociais e étnico-raciais. (GOMES, 2008, p. 70)

A escola, inserida nesse contexto social, produz práticas excludentes, discriminatórias e racistas e, paradoxalmente, apresenta-se como um espaço propício para se trabalhar práticas antirracistas e de valorização do afrodescendente. Nesse sentido, a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da História da África e Afro-brasileira em toda Educação Básica, apresenta-se como um avanço para superação das desigualdades históricas vividas por grupos étnico-raciais não hegemônicos.

A implementação da Lei 10.639/03 visa desenvolver nas escolas atividades e discussões que promovam a valorização do negro, buscando conhecimentos das diversas populações africanas, suas origens e contribuições para a sociedade, num movimento de reconstrução curricular, que enfatiza a importância do contexto social e diversidade cultural. Nesse sentido, a Lei 10.639/03 é um avanço para o reconhecimento dos afrodescendentes que muito contribuíram para a formação social, histórica, cultural e econômica brasileira.

Nessa perspectiva, é de suma importância à aplicabilidade da Lei 10.639/03 desde a Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica. No primeiro contato com a escolarização, a criança começa a construção de sua socialização e a formação de sua identidade. Nesse sentido, é importante o desenvolvimento de trabalhos pedagógicos que valorizem a história, a identidade, a diversidade cultural e étnico-racial, promovendo o conhecimento da pluralidade étnica e cultural do povo brasileiro e enfatizando as contribuições africanas.

Diante da urgente necessidade de se desenvolver um trabalho pedagógico voltado para a valorização da diversidade étnico-racial e em conformidade com a implementação da Lei 10.639/03 foram desenvolvidas ações pedagógicas direcionadas para favorecer a formação da identidade das crianças, no âmbito da Educação Infantil, numa perspectiva de valorização da diversidade étnico-racial.

Essas ações pedagógicas foram desenvolvidas na UMEI Granja de Freitas. A proposta envolveu atividades com as crianças do berçário e suas respectivas famílias, buscando a valorização da imagem positiva do negro em nossa sociedade.

Para melhor compreensão do contexto no qual o Plano de Ação foi desenvolvido segue detalhadamente a caracterização do bairro e da comunidade escolar, a identificação da instituição e o perfil da turma.

### **3.1. Caracterização do Bairro e da Comunidade Escolar**

A Unidade Municipal de Educação Infantil - UMEI Granja de Freitas fica localizada na Rua São Vicente, número 371, bairro Granja de Freitas, Belo Horizonte / MG. Granja de Freitas é um bairro da região leste de Belo Horizonte. Geograficamente limita-se ao sul com o Conjunto Taquaril, a leste com as chácaras Granja de Freitas, entre a divisa do município de Sabará, a oeste dos bairros Alto Vera Cruz e Saudade, e ao norte com a Vila da Área, à margem do ribeirão Arrudas. O bairro é formado por quatro conjuntos habitacionais criados por meio do orçamento participativo de Belo Horizonte em 1996.

A prefeitura iniciou a ocupação da atual área do bairro com a construção do primeiro conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas I, construído em 1997 com 85 unidades de casas geminadas, na antiga fazenda Freitas. O segundo conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas II, foi inaugurado em dezembro de 2001 e conta com 544 unidades habitacionais. O terceiro conjunto a ser criado foi o Conjunto Habitacional Granja de Freitas III, denominado Residencial Jardim das Orquídeas, inaugurado em 2001 com 146 unidades habitacionais. Por fim, o quarto conjunto habitacional, o Conjunto Granja de Freitas IV, foi inaugurado em 2004. Atualmente, esses conjuntos habitacionais formam todo o bairro Granja de Freitas.

A ocupação desses diversos imóveis beneficiou famílias do Movimento dos Sem-casa que foram removidas em função da situação de risco ou devido à implantação de obras públicas e encaminhadas através dos programas das políticas sociais da Prefeitura. Trata-se de uma comunidade extremamente vulnerável. Os adultos apresentam baixo grau de escolaridade (Ensino Fundamental incompleto), e grande parte depende financeiramente de projetos governamentais como, por exemplo, o Programa Bolsa Família.

As famílias presentes na comunidade são estruturadas de diferentes formas. A grande maioria é chefiada por mulheres que possuem mais de três filhos, sendo, em grande parte, de pais diferentes ou desconhecidos, já que a certidão de nascimento dessas crianças, ao se matricularem no estabelecimento de Educação Infantil, apresenta diferença de filiação

paterna, no caso de irmãos, e muitas vezes, os dados sobre a paternidade não constam no documento. Há, também, crianças que vivem com os avós, quando a criança é abandonada pelos pais, devido à sua baixa faixa etária e falta de comprometimento com a educação do filho. Em outros a ausência dos genitores deve-se ao envolvimento com atos ilícitos que muitas vezes terminam apreendidos, os avós acabam sendo os únicos que se responsabilizam pela criança. É comum ouvir dentro da escola relatos das crianças sobre violência doméstica, familiares presidiários ou assassinados pelo tráfico de drogas.

Quanto à religiosidade, a população divide-se em católica e evangélica. Outras formas de manifestações religiosas estão presentes, porém não apresentam grande aceitação por parte da comunidade.

### **3.2. Identificação da Instituição**

A UMEI Granja de Freitas foi inaugurada em 28/06/2004 com a direção da Escola Municipal Alcida Torres. O local escolhido para o seu funcionamento foi um espaço anexo à escola (antigo Centro Cultural Comunitário) que no momento estava inutilizado. A área se localiza numa região de extrema vulnerabilidade social. Atualmente a UMEI atende 243 crianças diariamente, com idades de zero a cinco anos e oito meses.

A condição financeira das famílias é considerada muito baixa, pois, de acordo com pesquisa realizada pela escola, a renda familiar é mínima para um grande número de pessoas morando na mesma casa. Em média três a nove irmãos, tios, primos e avós.

Para atender as crianças, a UMEI conta com um grupo de trinta e um educadores, incluindo duas coordenadoras pedagógicas. Também compõe o quadro de funcionários uma vice-diretora, uma auxiliar de secretaria, quatro cantineiras, três auxiliares de serviços gerais e quatro porteiros, que revezam durante os dois turnos de funcionamento da unidade.

A Educação Infantil apresenta dois ciclos de formação, sendo que o 1º ciclo atende crianças de zero a dois anos. O 2º ciclo atende crianças de três a cinco anos e oito meses. Portanto, na UMEI Granja de Freitas, as crianças são divididas em seis faixas etárias compostas de treze turmas como seguem as descrições abaixo:

. Uma turma de berçário: atende sete crianças, no horário integral, com idade de zero a um ano, acompanhadas por duas educadoras em cada turno. Sendo que uma atua como referência e outra como apoio.

. Uma turma de um ano: atende quatorze crianças no horário integral, com idade de um a dois anos. Também são acompanhadas por duas educadoras em cada turno, seguindo o mesmo critério da turma do berçário.

. Uma turma de dois anos: atende dezesseis crianças com idade de dois a três anos em horário integral. Há duas educadoras para acompanhamento desta turma em cada um dos turnos: uma como referência e uma como apoio.

Para cada uma das turmas acima, existe mais um educador que faz o acompanhamento no horário intermediário.

. Três turmas de três anos: atende vinte crianças em cada sala, sendo uma no turno da manhã e duas no turno da tarde. As turmas de três anos são acompanhadas por um educador referência.

. Quatro turmas de quatro anos: são atendidas vinte crianças em cada turma, com idade entre quatro e cinco anos. Duas turmas funcionam no turno da manhã e outras duas no turno da tarde. Cada uma das turmas funciona com um educador referência, ou seja, um professor para cada turma.

. Três turmas de cinco anos: são atendidas vinte e cinco crianças, em cada turma, com idade entre cinco a cinco anos e oito meses. São atendidas no horário parcial, sendo duas no turno da manhã e uma no turno da tarde. Uma educadora atua como referência em cada uma das salas.

Observa-se ainda que, para cada uma das dez turmas citadas, há uma organização que visa atender e respeitar o tempo de planejamento do professor referência, sendo estes, substituídos pelos educadores destinados ao apoio.

Quanto ao espaço físico da instituição, além de oito salas de aula, a escola possui diretoria, secretaria, sala de professores, dois banheiros masculinos e dois femininos, biblioteca, lavanderia, refeitório e cozinha. Reconhecendo a importância do espaço lúdico para a infância a UMEI possui ainda de um campo de futebol gramado, área externa coberta e um playground.

### **3.3. Perfil da Turma**

A turma do berçário é composta por sete crianças, sendo duas meninas e cinco meninos. No período da aplicação do Plano de Ação as crianças tinham de 11 meses a 1 ano e 4 meses de idade. Todas as crianças já andavam e se comunicavam por gestos e balbúcio.

Conforme registros da UMEI , a maioria das crianças da turma encontra-se em situação de grande vulnerabilidade social. Das sete crianças, três moravam com o pai e a mãe, sendo que ambos trabalhavam e possuíam renda mensal de um salário mínimo cada. As outras quatro crianças eram cuidadas apenas pela mãe, conforme ficha preenchida no ato da matrícula. Essas mães não tinham emprego fixo e também não possuíam ajuda financeira dos pais biológicos. O único auxílio dessas mulheres vinha por parte das avós maternas. Outro dado observado nas fichas de inscrição foi que a maioria dos responsáveis se declarou pardo.

Durante o ano de 2011 foram frequentes problemas com as crianças no que se refere à saúde, higiene e alimentação. Foram feitas várias intervenções com as famílias no sentido de orientar o cuidado necessário com os bebês.

Em sala, os bebês demonstravam alegria e satisfação ao participar das diversas atividades e respondiam positivamente aos diferentes tipos de estímulos.

## **4. OBJETIVOS**

Nesta seção serão apresentados os objetivos que nortearam o desenvolvimento do Plano de Ação.

### **4.1. Objetivo Geral**

Implementar ações pedagógicas que contemplem a prática da lei 10.639/03 com a intenção de contribuir para a formação da identidade étnico-racial das crianças do berçário.

### **4.2. Objetivos Específicos**

- Organizar os espaços educativos contemplando a diversidade étnico-racial das crianças do berçário;
- Apresentar materiais e brinquedos pedagógicos que remetem à origem africana, garantindo o acesso à diversidade sociocultural;
- Explorar histórias e músicas que contemplem a cultura africana e afro-brasileira;
- Desenvolver atividades que promovam a valorização da individualidade da criança;
- Promover encontro com os familiares das crianças do berçário, buscando reflexões sobre racismo, discriminação, mito da democracia racial e valorização do negro na sociedade brasileira;
- Criar condições para que se discuta a construção de identidades étnico-raciais junto à comunidade escolar;
- Envolver famílias e comunidade nos projetos da instituição.

O objetivo geral e os específicos direcionam para a construção de práticas pedagógicas que visam à construção de identidades étnico-raciais, caracterizada por trabalhos desenvolvidos na Educação Infantil e na comunidade escolar.

## **5. REFLEXÕES SOBRE A LEI 10.639/03 NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Esse capítulo descreverá algumas reflexões que fundamentaram a prática da ação pedagógica desenvolvida. Assim, serão descritas as implicações que a Lei 10.639/03 direciona para a Educação Infantil e princípios que norteiam o cuidar e o educar na perspectiva da diversidade étnico-racial.

### **5.1. Lei 10.639/03 e suas implicações para a Educação Infantil**

A educação brasileira, reproduzindo o modelo social no qual está inserida, é marcada pelo mito da democracia racial, que camufla a presença de preconceitos e discriminações raciais presentes nas relações dos indivíduos e estimula práticas de silenciamento perante injustiças sociais.

Nesse contexto, a Lei 10.639/03, sancionada em 9 de janeiro de 2003, foi consequência das ações históricas do Movimento Negro e do envolvimento de estudiosos do tema frente aos problemas de discriminação que a sociedade brasileira enfrenta. A Lei 10.639/03 teve como função alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, incluindo no currículo oficial da Educação Básica a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira.

Em 2004, o Conselho Nacional de Educação regulamentou a Lei 10.639/03 e elaborou o Parecer 03/04 que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana.

A Lei 10.639/03 e o Parecer 04/03 são medidas de Ações Afirmativas, isto é, conjunto de ações políticas direcionadas à correção de desigualdades raciais e sociais. E têm como principal objetivo a obrigatoriedade do ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira nos currículos dos estabelecimentos de ensino público e particular da Educação Básica. Essas medidas apontam para um paradigma educacional que prioriza a diversidade étnico-racial e cultural da sociedade brasileira. Nesse sentido a escola deve cumprir o seu papel na implementação desta Lei, já que influência diretamente na vida de seus estudantes e proporciona o desenvolvimento de relações interpessoais, sobretudo nos primeiros anos de escola.

Se entendermos que conhecer a nossa história e herança africana faz parte do processo de formação dos sujeitos sociais e se reconhecermos que uma parte significativa da nossa formação histórica e cultural referente à África e à cultura afro-brasileira não tem sido trabalhada a contento pela escola, só poderemos

confirmar a importância da inclusão dessa discussão no currículo escolar, mesmo que seja por força da lei. (GOMES, 2008, p.71)

A obrigatoriedade de inclusão da História e Cultura Afro-brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de uma decisão política, com fortes repercussões pedagógicas. A educação, diante desta medida, reconhece que, além da garantia de vagas para o negro nas escolas, é necessário trabalhar e valorizar a história e a cultura do seu povo, tentando reparar prejuízos à sua identidade e a seus direitos.

É necessário romper com preconceitos baseados no senso comum que menosprezam a História e a Cultura Africana, e, numa tentativa de ampliação de conhecimento e de valorização, explorar as grandes contribuições Africanas para a sociedade atual, priorizando trabalhos que apontem para reconhecimento dos heróis negros para, assim, contribuir para a construção de identidades negras. É importante também valorizar, divulgar e respeitar os processos históricos de resistência vivenciados pelos africanos escravizados no Brasil e por seus descendentes na atualidade, desde formas individuais até coletivas.

Faz-se necessário ressaltar ainda que a importância do estudo da temática história e cultura Afro-brasileira não se restringe à população negra, ao contrário, relaciona-se a todos os brasileiros, visto a necessidade de construção de uma sociedade democrática, multicultural e pluriétnica.

Outro ponto que merece destaque refere-se à ampliação do foco curricular das escolas. Na verdade não se trata de alterar o foco etnocêntrico marcado pela raiz europeia por um africano, mas de ampliar os currículos escolares contemplando a diversidade cultural, racial, social e econômica afro-brasileira até então suprimida nos currículos oficiais. Além da inclusão de novos conteúdos, é necessário repensar as relações étnico-raciais, sociais, pedagógicas oferecidas pelas escolas. É urgente a presença de práticas que questionem as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e ressaltam estereótipos depreciativos.

Em suma, a educação, regida pela Lei 10.639/03, deve ser pautada por práticas pedagógicas que promovam a valorização e o respeito à diversidade étnico-racial, a fim de superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira.

## **5.2 Cuidar e educar na perspectiva da diversidade étnico-racial**

A Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, e, conforme regulamenta a LDB 9.394/96, complementa a ação da família e da comunidade, promovendo como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade.

Nesse sentido, Educação Infantil engloba práticas educativas intencionalmente voltadas para as experiências concretas da vida cotidiana, para a aprendizagem da cultura pelo convívio no espaço coletivo, para atividades educativas que ampliam os potenciais cognitivos, afetivos e sociais, considerando as diferentes linguagens que compõem os processos comunicativos e a maneira como as crianças significam suas experiências.

De acordo com os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, a criança deve vivenciar trabalhos educativos que lhe proporcione um desenvolvimento integral, assim, as instituições devem nortear o seu trabalho com segurança e tranquilidade, e também, com informações e aprendizagens que sejam significativas. Para isso, deve-se partir de alguns princípios, aos quais todas as instituições de Educação Infantil devem estar fundamentadas no respeito à dignidade, no direito às brincadeiras, no acesso aos bens socioculturais e na socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversas práticas sociais.

A Educação Infantil é uma fase da educação formal que envolve o cuidar da criança em espaço adequado, contemplando a alimentação, a higiene e uma rotina que considere suas necessidades, e também, o educar, sempre respeitando o caráter lúdico das atividades, com ênfase no seu desenvolvimento integral, priorizando um trabalho que valorize a criança como sujeito histórico e cultural.

A prática pedagógica da Educação Infantil envolve uma relação direta entre o cuidar e o educar. Diante dos fundamentos da Lei 10.639/03, esse cuidar e educar prioriza um trabalho voltado para a construção da identidade da criança, buscando a valorização da diversidade étnico-racial.

A identidade da criança não é algo inato, mas sim uma construção sociocultural, política e histórica em cada sociedade. Essa construção da identidade pressupõe a interação da criança consigo mesma e com os outros membros do seu grupo, marcada pelas práticas linguísticas, festivas, rituais e tradições populares.

A sociedade brasileira, apesar da sua história ser marcada pela influência dos negros, nega essa influência e força a construção de uma identidade negra enfraquecida, alvo de preconceitos, discriminações e exclusão social.

Nesse contexto, a escola de educação infantil, estruturada por um trabalho que envolve o cuidar e o educar, é um dos espaços que está diretamente envolvida com a formação da identidade da criança. Dessa forma, cabe à instituição escolar analisar que tipo de identidade ou identidades culturais está favorecendo, como registra a autora MEYER:

A escola proporciona um espaço narrativo privilegiado para alguns enquanto produz / reforça a desigualdade e a subordinação de outros. Uma afirmação que sugere a necessidade de se investir em discussões que permitam exercitar outros olhares sobre as práticas pedagógicas que se desenvolvem no contexto escolar. . (MEYER; 2002, p. 58)

A educação, empenhada na valorização étnico-racial dos seus alunos, deve promover momentos voltados para o estímulo e valorização da construção da identidade racial das crianças, promovendo atividades que ressaltam a imagem positiva do negro e suas grandes contribuições sociais, o respeito à diversidade cultural presente em sala de aula e no cotidiano das crianças, particularmente das crianças negras.

As práticas educativas presentes na educação infantil devem evidenciar a contribuição da ascendência africana, por meio de contos, brinquedos, cantos, trajes, alimentos e demais manifestações do repertório cultural presentes no cotidiano. Desse modo, a sala de aula e os diferentes espaços que possibilitam a presença e a formação educativa da criança devem ser organizados de forma a evidenciar a diversidade étnico-racial presente nas escolas. Enfeites, cartazes e brinquedos devem ser selecionados com a intenção de promover a identificação de todas as crianças, em especial a criança negra, até então exposta à imagem do branco e sua cultura como estereótipo a ser imitado. É fundamental a presença de espelhos e retratos das crianças para que todos os alunos possam se identificar com ambiente escolar.

Todos nós, que temos algum envolvimento com instituições e /ou docência em educação infantil e séries iniciais, sabemos o peso das imagens e da linguagem visual nessas etapas de ensino: cartazes, desenhos, pinturas e colagens multicoloridos afixados em abundância pelas paredes das salas de aula e dos corredores tanto constituem os conteúdos de ensino quanto refletem os resultados da aprendizagem e indicam, assim, os pressupostos político-pedagógico que norteiam os currículos implementados nessa etapa da escolarização. (MEYER; 2002, p. 52)

Nesse sentido, é necessário que os produtos de higiene, sabonetes, xampus, cremes de cabelo e de corpo, contemplem a especificidade das crianças atendidas, dando-se ênfase para rótulos e embalagens que também afirmem imagens positivas das crianças negras.

É necessário que os profissionais da educação envolvidos diretamente com as crianças tenham um olhar atento para as práticas discriminatórias e preconceituosas presentes na Educação Infantil, pois, muitas vezes, essas práticas revestem-se de uma sutileza nas falas e atitudes que requerem sensibilidade dos educadores para o seu rompimento. É importante à distribuição igualitária de atenção e afetos a todas as crianças.

A Legislação Brasileira, Constituição Federal de 1988, LDB 9394/96, afirma que a educação é um direito fundamental da criança e estrutura-se como um dever compartilhado entre família, Estado e sociedade.

Levando-se em conta a educação enquanto direito fundamental da criança, a escola deve trabalhar juntamente com a comunidade escolar buscando efetivar uma educação de qualidade. Essa educação deve envolver a formação da identidade das crianças, principalmente das crianças negras, observando que esse espaço pode tanto estimular a reprodução de estereótipos e discriminações de raça, quanto favorecer a construção de relações raciais mais igualitárias. Nesse sentido, a escola deve promover discussões e práticas que favoreçam o respeito às diferenças, reconhecimento e a valorização da diversidade, em especial a diversidade étnico-racial. Nessa lógica, ROCHA e TRINDADE destacam que:

A questão do racismo deve ser apresentada à comunidade escolar de forma que sejam permanentemente repensados os paradigmas, em especial os eurocêntricos, com que fomos educados. Não nascemos racistas, mas nos tornamos racistas devido a um histórico processo de negação da identidade e de coisificação dos povos africanos (ROCHA E TRINDADE, 2006, p. 56).

A família desempenha fundamental importância no processo de construção da identidade da criança, pois é na dimensão das relações, da inter-relação entre adultos e crianças, que as crianças desde pequenas formam a sua compreensão de mundo.

Considerando que a identidade é algo construído constantemente nas interações com o outro, é necessário que escola e família troquem informações para que juntas possam contribuir positivamente para construção da identidade da criança. Assim, é necessário que a Educação Infantil, seguindo sua lógica de cuidar e educar, englobe, em sua prática pedagógica, princípios democráticos e inclusivos de respeito à diversidade étnico-racial e cultural de todos os alunos e isso em parceria com a comunidade escolar.

## 6. METODOLOGIA

O Plano de Ação foi desenvolvido com as crianças do berçário e seus respectivos familiares, estendendo-se para toda comunidade escolar.

No berçário, com as crianças, foram exploradas as histórias “Bruna e a galinha d’Angola”, “Minha mãe é negra sim”, “Koumba e o Tambor Diambê” e “Meninas Negras”. Todas as histórias foram contadas com aventais adaptados para as histórias e para os bebês. Os livros foram selecionados por terem histórias que retratam e valorizam a cultura africana, apresentando uma imagem positiva do negro num contexto infantil.

Durante a rodinha, atividade diária de socialização, foram apresentadas para as crianças músicas de origem africana do Compact Disc – CD “Música Africana na Sala de Aula” da autora Lilian Abreu Sodré. O CD apresenta canções tradicionais de sete países africanos e possibilita o desenvolvimento de atividades que envolvem canto, brincadeiras cantadas e dança.

Nos espaços educativos das crianças, berçário e no fraldário, foram feitas algumas alterações. Os brinquedos, as bonecas e os outros materiais utilizados em sala e demais espaços da escola, foram selecionados com a finalidade de abranger a diversidade étnico-racial, com a finalidade de promover em todas as crianças da turma o sentimento de identificação e pertencimento.

Em relação ao cuidar também houve algumas reformulações no sentido de melhor atender ao público afrodescendente do berçário. Os materiais de higiene pessoal foram repensados, buscando atender as especificidades da criança negra considerando-se a textura do cabelo e pele.

Com a comunidade escolar, principalmente pais /responsáveis pelas crianças do berçário, foram desenvolvidos três encontros. Os encontros proporcionaram discussões sobre racismo, discriminação, mito da democracia racial, valorização do negro na sociedade e a construção da identidade da criança. As reuniões contemplaram palestra, dinâmica, apresentação de DVD e diversos materiais envolvidos com a cultura africana e afro-brasileira, e para finalizar um passeio ao zoológico com as crianças do berçário e seus familiares.

## 7. DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE AÇÃO

O Plano de Ação foi desenvolvido com as crianças do berçário e seus respectivos familiares. Para melhor compreensão da organização do Plano de Ação foi necessário dividi-lo em três partes. A primeira parte refere-se à intervenção no espaço escolar, a segunda trata-se das ações desenvolvidas com os bebês, já a terceira aborda o trabalho com os familiares das crianças do berçário. Todas as atividades tiveram como objetivo o trabalho voltado para a valorização da construção da identidade étnico-racial das crianças do berçário.

Faz-se necessário salientar que, todas as fotos utilizadas no trabalho fazem parte de um arquivo pessoal e retratam momentos do desenvolvimento do Plano de Ação. Todas as fotos foram devidamente autorizadas conforme padrões acadêmicos.

### 7.1. Intervenção no espaço escolar

Na sala de aula, o mural e a rotina da turma foram trocados. No início do ano de 2011, o mural e a representação da rotina foram confeccionados com personagens de desenho animado. Diante da proposta de valorização da identidade das crianças do berçário, tornou-se importante confeccionar um mural com fotos das crianças e seus familiares e uma representação da rotina também com fotos das crianças.



FIGURA 1 – Foto exposta no mural da sala.



FIGURA 2 – Rotina do berçário.

O berçário recebeu alguns mordedores e chocalhos em formato de alguns animais da África: elefante, girafa e zebra. A turma do berçário recebeu também algumas bonecas negras que foram misturadas às bonecas brancas que a sala já possuía.



FIGURA 3 - Crianças explorando brinquedos.



FIGURA 4 - Crianças e bonecas pretas.

No banheiro/ fraldário, como a turma estava explorando os animais da África, foi colocado papel de parede com esse tema. Os produtos de higiene pessoal foram adequados à proposta de valorização da diversidade racial. A maioria dos produtos de higiene pessoal infantil, xampus, cremes de cabelo e de corpo, cotonetes e outros, trazem em suas embalagens crianças e /ou seres personificados brancos e de olhos azuis. Diante da proposta do Plano de Ação foram selecionados alguns produtos que retratassem em suas embalagens uma maior diversidade étnico-racial. Além do critério para as embalagens, foi solicitado à compra de produtos de higiene pessoal específicos para cabelo afro e pele negra infantil. Esses itens foram de extrema importância, pois, durante o banho as crianças brincam e observam as embalagens e os rótulos dos produtos de higiene. Assim, tais produtos devem ser selecionados de forma a promover a identificação e a valorização de todas as crianças.



FIGURA 5 – Banho.

O ambiente educativo das crianças do berçário não se limita à sala de aula e ao banheiro. Dessa forma, foi reproduzido e distribuído para todos os educadores da UMEI o texto “Das (im)possibilidades de se ver como anjo...” de Dagmar E. Estermann Meyer, para que todos os educadores pudessem ler e discutir, durante a reunião pedagógica, sobre a

importância do espaço educativo, ou seja, da linguagem visual para as crianças da Educação Infantil. Esse momento proporcionou uma discussão dos educadores em torno dos cartazes e imagens utilizados nas paredes da UMEI e nos alertou para o cuidado ao selecionar determinadas imagens. O grupo concluiu que todos os recursos utilizados na escola deveriam englobar a diversidade étnico-racial, bem como a temática da inclusão e de gênero porque também aparecem na Educação Infantil.

## 7.2. Ações desenvolvidas com os bebês

A primeira atividade desenvolvida no berçário foi à utilização da rotina construída com as fotos das crianças. Todos os dias, a partir do dia três de outubro, após a chegada de todas as crianças do berçário, era estruturada a rotina do dia. Cada atividade desenvolvida com as crianças foi representada por uma foto (chegada, mamadeira, fruta, rodinha, banho de sol, fruta, banho, parquinho, almoço, hora do soninho, jantar e saída).

Conforme acontecia o desenvolvimento da atividade proposta, as fotos das crianças eram mostradas novamente, a partir de uma intervenção oral da Educadora: “o que o Petterson está fazendo aqui? Ele está dormindo! Então é o mesmo que vamos fazer agora”. As crianças apresentavam-se mais motivadas diante do “móvil/rotina”, prestavam atenção na apresentação das atividades e nas fotos. Além disso, os bebês divertiam-se bastante com as tiras coloridas colocadas no final do móbil. As fotos tiveram que ser plastificadas e coladas em um papel resistente, pois, além de observar, as crianças manuseavam as fotos. Nesse momento alguns bebês identificavam e balbuciavam os nomes das crianças apresentadas nas fotos.



FIGURA 6 – Crianças e o Móvil/Rotina.

Com o auxílio dos bebês, foi confeccionado um tapete com os animais da África. Foram retirados de revistas e livros antigos, fotos e gravuras de alguns animais da África (girafa, zebra, elefante, macaco, hipopótamo e outros). Essas gravuras foram coladas de forma que ficaram em alto-relevo e com algumas texturas, para que os bebês pudessem apertar, tocar e subir no tapete. A confecção do tapete foi bem trabalhosa, pois diversas vezes os bebês colocaram as gravuras na boca, fato que gerou a ideia de adquirir mordedores e chocalhos com o formato dos animais da África. Foram necessárias duas educadoras e três dias para que o tapete fosse construído juntamente com os bebês. As crianças participaram do processo de construção e exploraram bastante o tapete.



FIGURA 7 – Crianças explorando o tapete.



FIGURA 8 – Bebê e o tapete.

As atividades relacionadas diretamente com o cuidar das crianças também tiveram um foco a partir da implementação do Plano de Ação. Teve-se o cuidado em distribuir o afeto e a atenção a todas as crianças de forma igualitária.

O banho é um dos momentos em que as crianças recebem uma atenção individualizada. Nesse momento, todos os cuidados e afeto da educadora estão voltados para uma única criança.

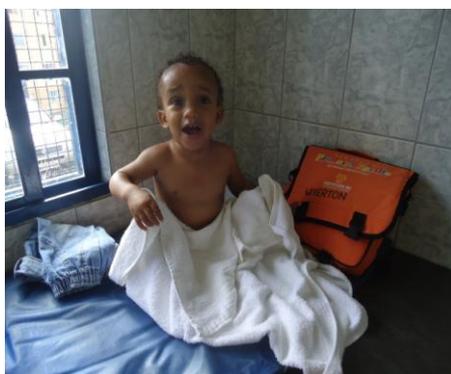


FIGURA 9 – Banho da criança.

Em virtude das reflexões acerca da Lei 10639/03 e de se efetivar uma prática de reconstrução da identidade negra em relação à Educação Infantil, as educadoras passaram a conversar mais com os bebês, principalmente durante o banho, enfatizando e valorizando a individualidade e a beleza de cada criança, numa tentativa de se romper com os estereótipos estabelecidos pela cultura hegemônica branca. É importante ressaltar que o banho é uma das atividades da rotina do berçário em que as crianças demonstram muita alegria e satisfação. Está diretamente ligado ao cuidar da criança, assim, apresenta-se como um momento que promove o bem-estar do bebê, a interação com os objetos e com o adulto.

Devido a esse processo de valorização da individualidade dos bebês, o espelho da sala foi bastante utilizado. O berçário possui um espelho de dois metros de comprimento e um metro de altura, pregado na parede de forma que possibilita a sua utilização pelas crianças que foram estimuladas a se olharem no espelho. Foram feitos estímulos orais, pronunciados da seguinte forma: “Olha para o espelho! Quem é esse?”, “Põe a mão no seu nariz”, “Faz uma careta”, “Dá um sorriso”, “Olha como você é bonito!”.

Assim as crianças começaram a se identificar no espelho. Diante das perguntas elas balbuciavam o seu próprio nome e apontavam para as partes do seu corpo. Após essa atividade, as crianças tiveram mais interesse em ir para frente do espelho, mostravam objetos da sala, puxavam os colegas da turma para frente do espelho e se olhavam com frequência. Durante as atividades “hora do brinquedo” e “hora da fruta”, os bebês também se sentavam na frente do espelho e observavam os seus movimentos e gestos. Durante esses momentos, as educadoras procuravam elogiar e ressaltar os avanços de todas as crianças da turma, demonstrando que, a cada dia, os bebês desenvolviam a autonomia para comer, brincar e andar.



FIGURA 10 – Criança e o espelho.



FIGURA 11 – Criança se observando no espelho.

No berçário acontece, na maioria dos dias letivos, uma rodinha. Essa rodinha envolve os educadores da turma e as crianças da sala, nela são desenvolvidas atividades com música e histórias.

Durante a rodinha, foi cantada a música “Bom dia amiguinho”, autor desconhecido, no lugar de amiguinho colocamos o nome das crianças da sala e no final da música cada criança ganha um abraço e um beijo das educadoras e das outras crianças. Dessa forma reforçou-se o nome e os gestos de carinho com todas as crianças da sala. Essa música foi cantada em todos os dias após o início do Plano de Ação.

A rodinha possuía ainda dois momentos, que eram trabalhados em dias alternados, a contação de história e a escuta de músicas do CD “Música africana na sala de aula”, produzido por Lilian Abreu Sodré.

A contação de histórias foi explorada através dos livros “Bruna e a galinha d’Angola”, “Minha mãe é negra sim”, “Koumba e o Tambor Diambê” e “Meninas Negras”. Todas as histórias foram contadas com aventais adaptados para os livros e para os bebês. As histórias foram contadas com muitos gestos, mas mesmo assim não foram todas as crianças que prestaram atenção até o final. No geral, as crianças gostaram das histórias e o que mais prendeu a atenção dos bebês foram os fantoches. A proposta de trabalho com o CD “Música africana na sala de aula” era apresentar uma música por dia, mas como as crianças demonstraram interesse pelas músicas, mesmo depois da rodinha, o CD foi tocado e as crianças ouviam, batiam palmas e dançavam.



FIGURA 12 – Rodinha com música.



FIGURA 13 – História e Fantoche.

### **7.3. Trabalho com os familiares das crianças do berçário**

O encontro inicial foi no próprio berçário. Enquanto uma educadora da turma cuidava dos bebês, a outra conversava com os pais/ responsáveis pelas crianças. Houve dificuldade

para convencer alguns pais a participar do encontro. Alguns responsáveis afirmaram que não poderiam chegar atrasado ao emprego, mesmo com a declaração da escola. Outros afirmaram ter compromisso com os serviços domésticos. No entanto, apesar das dificuldades relatadas, uma parte dos pais demonstrou interesse em participar, possibilitando a realização da reunião e resultados positivos.

Primeiramente foram apresentados os objetivos do Plano de Ação. Houve diálogo com os pais/ responsáveis sobre alguns conceitos tais como: racismo, discriminação e mito da democracia racial, finalizou-se o encontro com a apresentação do DVD “Heróis Negros” do kit “A Cor da Cultura”. Os pais participaram da discussão e ressaltaram a importância dessa temática ser trabalhada nas escolas.



FIGURA 14 – Reunião com os pais no berçário.

O segundo encontro foi desenvolvido no período da noite para atender o horário das pessoas que trabalham. Inicialmente, o encontro seria somente para os pais/ responsáveis pelas crianças do berçário, mas, ao se apresentar a proposta do encontro para a Vice- Direção e para a Coordenação da UMEI, considerou-se importante incluir toda comunidade escolar.

O objetivo principal da reunião foi promover a discussão acerca da importância da família para o processo de construção da identidade da criança, no que diz respeito à valorização da diversidade étnico-racial. Para esse fim, o encontro foi dividido em três momentos principais, conforme descrito a seguir:

Primeiramente houve uma palestra proferida pela Educadora Infantil Ana Paula Silva, que atua como Professora na UMEI e Psicóloga em clínica particular. Durante a palestra, a educadora explicou o conceito de identidade, como a criança constrói sua identidade a partir da relação com a família e a escola. A palestrante finalizou sua apresentação com relatos pessoais a respeito de preconceitos racistas que, por ser negra, sofre desde sua infância.

Ressaltou ainda a importância de sua família para superar as dificuldades e se tornar uma professora e psicóloga bem sucedida.



FIGURA 15 – Palestra



FIGURA 16 – Palestrante Ana Paula

No segundo momento foi desenvolvida uma dinâmica sobre a temática identidade e valorização da diversidade étnico-racial. Para desenvolver essa atividade foi construído um quadro que possuía duas partes, de um lado a frase “Positivo para a construção da identidade da criança”, e do outro “Negativo para a construção da identidade da criança”.

Cada pessoa recebeu um papel contendo frases, músicas, ditados populares, ou seja, ações positivas ou negativas no que se refere à diversidade étnico-racial. Os participantes foram então convidados a colar os textos no mural e explicar o porquê de determinada prática ser positiva ou negativa para a construção da identidade da criança.

Durante a discussão da dinâmica foi citado, por uma professora, a importância da Lei 10.639/03, e seus reflexos positivos para a escola, família e principalmente para as crianças negras ou não.



FIGURA 17 – Dinâmica.



FIGURA 18 - Participação dos familiares das crianças.

O último momento do encontro foi passado no telão um vídeo contendo o Hino Nacional da África do Sul e simultaneamente os participantes foram convidados a fazer um lanche e explorar o material exposto no local.



FIGURA 19 – Hino Nacional da África do Sul.



FIGURA 20 – Interação com o material exposto.

No refeitório da UMEI foi disponibilizado um quadro com informações e fotos dos diferentes locais da Região Leste de Belo Horizonte que oferecem atividades relacionadas à valorização da cultura Afro-brasileira. As pessoas que participaram do encontro demonstraram curiosidade e interesse em conhecer e participar das atividades oferecidas pelos Centros Culturais e pela Casa África. Também foram expostos, no local, os livros que a escola possui sobre a Cultura e História do Continente Africano, cultura Afro-brasileira, diversidade étnico-racial, racismo, discriminação, livros didáticos e literários. No mesmo dia muitos professores solicitaram o empréstimo dos livros, e alguns afirmaram que desconheciam esses livros do arquivo da escola.



FIGURA 21 – Educadoras explorando o ambiente.

Posteriormente, foi organizado um passeio ao zoológico com as crianças do berçário e seus familiares. A escola disponibilizou ônibus e lanche, todos puderam ter acesso aos

animais de origem africana como a zebra, a girafa, o hipopótamo e o elefante. O passeio foi muito agradável, as crianças e seus familiares demonstraram satisfação e interesse pelo zoológico, encerrando satisfatoriamente as atividades propostas neste Plano de Ação.



FIGURA 22 – Passeio ao Zoológico.



FIGURA 23 – Educadoras, crianças e seus familiares.

## 8. CRONOGRAMA

Objetivo	Período	Ações	Avaliação
<p>. Organizar os espaços educativos contemplando a diversidade étnico-racial das crianças do berçário.</p>	03/10 a 7/10	. Montar um mural e uma representação da rotina da turma, com fotos de todos os bebês.	. As crianças começaram a se identificar nas fotos, demonstraram satisfação durante a prática da atividade.
	17/10 a 21/10	. Intervenção do banheiro/ fraldário, aplicação de papel de parede com o tema Animais da África. Adequação dos produtos de higiene pessoal à proposta de valorização da diversidade étnico-racial.	. Durante o banho, as crianças brincaram com as embalagens dos produtos de higiene, a mudança promoveu o maior contato das crianças com rótulos e embalagens que exploram a diversidade étnico-racial.
	20/10	. Leitura e discussão, por parte do coletivo de educadores da UMEI, do texto “Das (in) possibilidades de se ver como anjo...” de Dagmar E. Estermann Meyer.	. A discussão, do referido texto, por parte dos educadores da UMEI, promoveu uma reflexão sobre a importância da seleção adequada dos recursos visuais para as crianças.
	17/10	. Inclusão de bonecas negras, mordedores e chocalhos com formato de alguns animais da África aos brinquedos da turma.	. A inclusão das bonecas negras permitiu as crianças um maior contato com brinquedos que retratam a diversidade étnico-racial.
<p>. Apresentar materiais e brinquedos pedagógicos que remetem à origem africana, garantindo o acesso à diversidade sociocultural.</p>			

<p>. Desenvolver atividades que promovam a valorização da individualidade da criança.</p>	24/10 a 28/10	. Confeção de um tapete com os animais da África.	. As crianças participaram da confeção, demonstraram iniciativa e interesse ao explorar o tapete.
	01/11	. Inserção de livros e CDs que contemplam a cultura africana e afro-brasileira aos recursos didáticos do berçário.	. A inclusão dos livros e dos CDs proporcionou maior diversidade de material para o trabalho a partir da Lei 10.639/03.
	07/11	. Atividade desenvolvida com o auxílio do espelho da sala.	. As crianças começaram a se identificar no espelho, demonstrando satisfação e curiosidade.
	A partir do dia 07/11	. Durante o banho, conversa com os bebês valorizando a individualidade e a beleza de cada criança.	. Diante de reações positivas das crianças (sorrir, brincar) as atitudes consideradas positivas.
	A partir do dia 15/11	. Durante a rodinha, cantar a música “Bom dia amiguinho”, que reforça o nome e gestos de carinho com as crianças.	A atividade proporcionou momentos de afetividade e de identificação do nome das crianças.

<p>. Explorar histórias e músicas que contemplem a cultura africana e afro-brasileira.</p>	<p>8/11, 15/11 e 22/11</p>	<p>. Explorar as histórias “Bruna e a galinha d’ Angola”, “Minha mãe é negra sim”, “Koumba e o Tambor Diambê” e “Meninas Negras”.</p>	<p>. As crianças ouviam e prestavam atenção nas gravuras e nos fantoches.</p>
<p>. Promover encontro com os familiares das crianças do berçário, buscando reflexões sobre racismo, discriminação, mito da democracia racial, valorização do negro na sociedade brasileira.</p>	<p>10/11, 17/11 e 24/11</p>	<p>. Explorar, durante a rodinha, as músicas do CD “Música africana na sala de aula”, produzido por Lilian Abreu Sodré.</p>	<p>. Os bebês ouviam as músicas, batiam palmas e dançavam, demonstrando assim interesse pela atividade.</p>
<p>. Criar condições para que se discuta a construção de identidades étnico-raciais junto à comunidade escolar.</p>	<p>24/11</p>	<p>. Encontro inicial no berçário, com o objetivo de dialogar sobre os conceitos: racismo, discriminação, mito da democracia racial, e valorização do negro na sociedade com os pais/ responsáveis dos bebês.</p>	<p>. O encontro inicial foi positivo, os pais que participaram da reunião demonstraram interesse e ressaltaram a importância da temática ser abordada na escola.</p>
<p>. Criar condições para que se discuta a construção de identidades étnico-raciais junto à comunidade escolar.</p>	<p>01/12</p>	<p>. Reunião com a comunidade escolar, para discutir a importância da família para o processo de construção da identidade da criança, no âmbito da valorização da diversidade étnico-racial.</p>	<p>. A reunião promoveu a interação entre professores, direção, coordenação e membros da família das crianças. A palestra planejada atingiu os objetivos propostos e houve participação da maioria das pessoas presentes.</p>

<p>. Envolver famílias e comunidade nos projetos da instituição.</p>	<p>07/12</p>	<p>.Passeio ao zoológico com as crianças do berçário e seus respectivos pais/responsáveis.</p>	<p>. O passeio ao zoológico foi agradável, as crianças e seus familiares mostraram satisfação e interesse.</p>
--	--------------	--	--

## **9. AVALIAÇÃO**

A avaliação do Plano de Ação foi processual. As crianças foram avaliadas através da observação de atitudes e envolvimento com as atividades propostas. Para a comunidade escolar, principalmente os pais / responsáveis envolvidos com o plano de ação, foi entregue uma folha em branco para que fossem descritas considerações sobre os encontros e, durante o processo de execução do Plano de Ação, foram registrados alguns dos relatos dos participantes.

### **9.1. Avaliação da ação educativa**

Desenvolver um plano de ação, que se concretizasse como trabalho final para conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Relações Étnico-Racial na turma do berçário foi um grande desafio.

O berçário é visto, pela maioria da comunidade escolar, como um espaço que se restringe ao cuidar das crianças. Na verdade, o cuidar é uma prioridade, para a faixa etária de 0 a 1 ano de idade. Contudo, este Plano de Ação pretendeu possibilitar a conciliação entre cuidar e o educar a partir das práticas desenvolvidas com o intuito de se obter um resultado positivo no que diz respeito à contribuição para formação da identidade das crianças e conscientização das famílias em relação ao tema étnico-racial.

A intervenção feita nos espaços educativos buscou abordar positivamente as imagens dos negros nos rótulos dos produtos de higiene, nos cartazes confeccionados para a sala, no uso de fotos dos bebês no mural e na rotina da turma, contribuindo para a construção da identidade da criança negra.

Em relação aos sujeitos envolvidos, pode-se perceber que os bebês demonstraram interesse e satisfação pelas histórias e músicas de origem africana, o que condiz com um trabalho pautado na Lei 10.639/03. O trabalho desenvolvido com pais mostrou-se extremamente positivo, porém, ressalta-se que há dificuldade no que diz respeito à participação de todos, por motivo de trabalho, serviços domésticos e compromissos pessoais. Durante os encontros com os familiares das crianças, vários depoimentos orais e escritos (anexo 12.1) comprovaram a importância do trabalho com essa temática no contexto escolar. Segundo a mãe de uma das crianças, as atividades desenvolvidas foram importantes tanto para

famílias brancas quanto para famílias negras, para que um conhecesse e respeitasse as características do outro.

Outro ponto importante do Plano de Ação foi a adesão e apoio do coletivo da escola. A direção e a coordenação contribuíram para a compra de produtos e materiais para as atividades, disponibilizaram o local e os lanches para os encontros e excursão. Os professores se envolveram nas atividades, demonstraram interesse pela temática e contribuíram ativamente no desenvolvimento das atividades. É importante ressaltar a participação da psicóloga e professora da UMEI, Ana Paula, que, diante do Plano de Ação, se comprometeu em falar sobre a importância da família para construção da identidade da criança.

Diante dos fatos descritos, o Plano de Ação atingiu os objetivos propostos, e transpondo as contribuições para a construção da identidade da criança, o Plano de Ação permitiu uma discussão, com toda comunidade escolar, sobre as questões étnico-raciais.

## 10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Lei 10.639/03 altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e é consequência de demandas e reivindicações sociais e históricas. Certamente, é um dos marcos significativo que implementa a questão étnico-racial nos currículos escolares. Diante do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica na área da Educação e Relações Étnico-Raciais e da aplicação deste Plano de Ação, percebe-se que uma grande contribuição da Lei 10.639/03 para as escolas é a busca pela valorização das diferenças étnico-raciais.

Desde criança, o sujeito é ensinado a olhar, identificar e reconhecer a diversidade cultural e humana. Contudo, as diferenças são arbitrariamente construídas através das relações políticas, sociais e culturais. A sociedade está imersa em relações de poder e de dominação política e cultural, as diferenças e as semelhanças são construídas de forma hierarquizada e dicotômica. Esse olhar e essa forma de racionalidade precisam ser superados. Nesse contexto a escola tem um papel importante a cumprir: implementar a Lei 10.639/03.

Para romper com padrões estabelecidos no que se refere à questão étnico-racial é necessário ampliar o conhecimento em torno dos diferentes grupos populacionais. O estudo defendido pela Lei 10.639/03, que aborda a História e Cultura Africana e Afro-brasileira, para a Educação Básica, é um avanço para a reeducação das relações étnico-raciais.

Uma educação de qualidade começa com a Educação infantil, primeira etapa da Educação Básica, que envolve a formação integral do sujeito. Logo, ações voltadas para a aplicação da Lei 10.639/03 se mostram de suma importância. Para além das comemorações e eventos isolados, a Educação Infantil pode incluir no seu trabalho diário itens que reforçam a importância do negro para a sociedade brasileira, que valorizam a História e a Cultura Africana e Afro-brasileira e, acima de tudo, reforçam através de cartazes e materiais didáticos a beleza da diversidade étnico-racial do Brasil.

Foi a partir dessa perspectiva que se optou por trabalhar com as crianças do berçário a implementação de ações pedagógicas que contemplassem a prática da Lei 10.639/03 e contribuíssem para a formação da identidade étnico-racial. Nesse sentido, o trabalho teve como foco a valorização das diferenças étnico-raciais. Um ponto do trabalho que merece destaque e reflexão foi o momento da troca dos produtos de higiene pessoal, dos brinquedos e dos cartazes se que remetiam a unicamente a pessoas brancas por outras imagens que apresentavam negros e fotos das próprias crianças da turma. Esse fato permite a percepção do quanto às questões raciais são sutis e está impregnada nas ações, pois, antes de focar o olhar

para as diferenças étnico-raciais, as imagens restritas à representação do branco pareciam normais e aceitas pelo grupo, apesar de aquelas imagens excluírem a maior parte das pessoas da sala de aula, inclusive as professoras.

Dessa forma, o trabalho que envolve as questões étnico-raciais, requer estudo, sensibilidade e, principalmente, disposição por parte dos professores. As questões étnico-raciais, o respeito às diferenças, o estudo da História e Cultura Africana e Afro-brasileira são pontos que remetem ao dia-a-dia do contexto escolar, emergindo a necessidade de um trabalho constante e que envolva a comunidade escolar, buscando, desse modo, uma educação mais inclusiva e democrática.

## 11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Gercila de. *Bruna e a Galinha d'Angola*. Ilustrações de Valéria Saraiva. Rio de Janeiro: Editora Didática e Científica e Pallas Editora, 2000.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Brasília, 2004.

CAVALLEIRO, E. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, E. Educação antirracista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: Cavalleiro (org) *Racismo e antirracismo na educação*. São Paulo: Summus, 2001.

COSTA, Madu. *Koumba e o tambor diambê*. Ilustrações de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

COSTA, Madu. *Meninas negras*. Ilustrações de Rubem Filho. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010.

GOMES, Nilma Lino. *A questão racial na escola: desafios colocados pela implementação da Lei 10.639/03*. In: MOREIRA, Antônio Flávio; CANDAU, Vera. *Multiculturalismo, diferenças e práticas pedagógicas*. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 67-89.

GONÇALVES, Petronilha S. *O jogo das diferenças: o multiculturalismo e seus contextos*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

\_\_\_\_\_. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

MEYER, D. *Das (im)possibilidades de se ver como anjo... In: Gomes, N. L e SILVA, P. G. Experiências étnico-culturais para a formação de professores*. Autêntica: Belo Horizonte, 2002. p. 51-69.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: Ministério da Educação (MEC) / Secretaria da Educação Fundamental (SEF), 1998.

ROCHA, Rosa Margarida de Carvalho e TRINDADE, Azoilda Loretto da. *O ensino e o antirracismo*. In: *Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais*. Brasília: SECAD, 2006.

SANTANA, Patrícia. *Minha mãe é negra sim!* Ilustrações de Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

**Filme:**

HERÓIS DE TODO MUNDO. Projeto “A cor da cultura” Parcerias: Petrobrás, CIDAN, Rede Globo, Canal Futura; Edição: Snir Wein, Sofia Karam ; Equipe de produção: Janaína Padilha, Patrícia Bárbara, Daniel Scatena.

HINO NACIONAL DA ÁFRICA DO SUL. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=5gL2MfEJZGs>. Acesso em 01/12/2012.

**Música:**

MÚSICA AFRICANA NA SALA DE AULA. Cantando, tocando e dançando nossas raízes negras. Lilian Abreu Sodré. Duna Dueto. São Paulo. 2010.

## 12. ANEXOS

### 12.1. Avaliação da mãe do aluno do berçário

Unidade Municipal de Educação Infantil- Granja de Freitas

AValiação DO ENCONTRO 01/12/2011

Foi um encontro maravilhoso, pois foi abordado um tema de grande importância, principalmente para mim.

Falar sobre o racismo nas escolas e creches é sempre um ponto positivo, pois nossas crianças já devem crescer aprendendo a valorizar sua cor e raça. Foi um momento em que encontrei oportunidade de expressar o que penso.

O tema foi desenvolvido com muita clareza, e foi super dinâmico, pois a professora teve uma grande competência, e sabe dominar bem o assunto. Fiquei muito feliz de estar presente naquele momento e em saber que existe pessoas preocupadas com a cultura e o futuro de nossas crianças.

Elizângela

## 12.2. Termo de autorização de uso de imagem



**LASEB**

### **Curso de Especialização em Docência na Educação Básica**

Belo Horizonte, 12 de maio de 2012.

Prezados Pais,

O profissional da educação \_\_\_\_\_ desenvolverá nesta escola, no segundo semestre de 2011 e primeiro de 2012, uma atividade relacionada ao seu trabalho final de curso de Pós-Graduação na Faculdade de Educação da UFMG, em convênio com a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte.

Este trabalho será orientado por professores da UFMG e seu objetivo é o desenvolvimento de propostas pedagógicas que possam enriquecer a aprendizagem dos alunos e o ensino dos professores.

Solicitamos sua colaboração em entrevistas, fotos, vídeos, filmagens de aulas, necessários ao projeto e autorização para uso de seus relatos e imagens no referido trabalho dos filhos e pais de alunos.

Atenciosamente,

**Samira Zaidan**  
**Coordenadora Geral do Curso**

**Elza Vidal de Castro**  
**Assessora Pedagógica do Curso**

**De acordo:**

Assinatura dos pais / responsáveis pelo aluno(a):

---

Nome do aluno

---

Assinatura dos pais ou responsável pelo aluno

### 12.3. Autorização da Escola



LASEB

#### Curso de Especialização em Docência na Educação Básica

Belo Horizonte, 12 de maio de 2012.

Prezado (a) diretor (a),

Solicitamos sua autorização para que o (a) professor (a) aluno (a) do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Docência na Educação Básica da Faculdade de Educação/UFMG, desenvolva seu plano de ação nessa instituição.

Esclarecemos que esta atividade é orientada por docentes qualificados desta Universidade e consiste em um *plano de ação* relacionado às temáticas do curso e às questões de interesse das escolas da rede municipal de ensino.

Trata-se de um compromisso de retorno a essas escolas, conforme objetivos de parceria entre a FAE/UFMG e a Secretaria Municipal de Educação. Além desse propósito, a consolidação desta ação constituirá o trabalho final de curso, requisito para a certificação nesta Especialização.

Acrescentamos a esta solicitação um encaminhamento aos pais dos alunos envolvidos na atividade, para que possamos contar com sua adesão e autorização de participação dos seus filhos em atividades e registros de imagens.

Agradecemos por sua colaboração e nos colocamos à disposição para maiores esclarecimentos sobre este curso e os planos de ação nele desenvolvidos.

Atenciosamente,

**Samira Zaidan**

**Coordenadora Geral do Curso**

**Elza Vidal de Castro**